

Espírito de equipe

No dia em que foi tomar posse como professor da rede pública, o coordenador da Regional de Ensino de Taguatinga o reconheceu, devido ao trabalho como treinador que desenvolvia na escola particular e no basquete da cidade, e fez o convite para que Márcio assumisse o time do CID de Taguatinga, já que Valtinho, seu ex-professor, havia se aposentado. “Hoje, eu estou no lugar do cara que me trouxe para o basquete”, diz, orgulhoso. “Ele nos falava para não pensar só na bola, que tinha de estudar, e nos falou muito dos Estados Unidos”, relata o professor. À época, o jovem Márcio não entendia muito a mensagem, queria mesmo era jogar. Hoje, depois de ter a oportunidade de conhecer diversos países como treinador, ele se recorda dos primeiros ensinamentos do mestre e os coloca em prática com os atletas.

“Eu já treinei mais de 1,5 mil atletas ao longo desse período, e tenho grandes atletas, que se tornaram profissionais”, destaca Márcio, que não dispensa uma oportunidade de exaltar o CID. “É um programa maravilhoso. Eu viajo o país inteiro, e sei que poucos estados têm um programa tão legal. Ele oferece esporte gratuito e de qualidade para os alunos da rede pública de ensino, com professores altamente qualificados, de diversas modalidades, não só basquete”, explica (**leia Para saber mais**).

O sucesso do pólo de Taguatinga é tão grande que a divulgação já não é mais necessária, as turmas estão lotadas e os alunos vêm até do Entorno. Os treinos abrangem as categorias de sub-10 a sub-17 e os atletas participam de diversas competições, mas o foco são os Jogos Escolares do Distrito Federal, pois as equipes campeãs representam Brasília no Campeonato Brasileiro. Nesses momentos, o apoio das famílias dos atletas se torna essencial, uma vez que precisam ajudar a garantir os recursos para as viagens. O esforço é conjunto para organizar rifas e eventos com o objetivo de arrecadar os recursos necessários.

Investimento

Na avaliação de Márcio, o investimento no basquete precisa melhorar a nível nacional. “Eu vi

Fotos: Arquivo pessoal



Medalhas dos jogos mundiais de Roterdã, como técnico do time Forças da Capital



Márcio Júnior com a equipe do CID Taguatinga na Copa Goiás 2024

isso durante a Olimpíada. Vivemos dois opostos no Brasil: a cultura do futebol e a do esporte que ganha. Então, se o Isaquias ganha uma medalha na canoa, beleza. Se o atleta da marcha atlética (Caio Bonfim) aqui de Brasília ganha medalha, aí tem investimento. Se a Rebeca (Andrade) ganha a medalha na ginástica, tem investimento. Mas não pode ser assim. É o contrário: primeiro a gente investe para depois ter resultado.”

A chegada das ligas americanas, como a NBA, à televisão aberta e ao YouTube tem sido um impulso, na visão do professor, para que os jovens valorizem cada vez mais esse esporte, mas é necessário um investimento desde as categorias de base para que eles consigam participar das competições. “Não adianta vivermos de Oscar ou de Santos (jogador do Golden State Warriors), que hoje está na NBA, ou de Caboclo (jogador da Seleção Brasileira). O talento individual nunca vai vencer uma equipe a nível mundial.”

É por esse motivo que Márcio ensina aos atletas muito mais que as técnicas básicas do esporte,



O filho Miguel, hoje com 14 anos, segue os passos do pai e estreou na equipe do CID



Com o ex-jogador da Seleção Brasileira de basquete e amigo Guilherme Giovannoni

importante, que vai dar um propósito às nossas vidas”, resume.

“Hoje eu coloco que eles podem alcançar uma faculdade, eles podem se tornar profissionais, não só dentro do esportes. Profissionais competentes. E se escolherem o esporte, podem se tornar profissionais, professores, árbitros. Tento colocar na cabeça deles que o mundo não é tão pequeno como a realidade deles. É muito maior”, ressalta.

Márcio reforça a importância de os pais também perceberem o potencial do esporte como transformador na vida das crianças e adolescentes, com impacto na socialização, autonomia e capacidade de lidar com conflitos. “Trata-se de um investimento para a vida, e não apenas uma atividade para tirar as crianças do ócio e das telas.”

Evolução

Assim como outras carreiras, a do basquete passou por grandes transformações, e o professor Márcio explica que é necessário isso se refletir na formação dos atletas e, conseqüentemente, na qualificação dos treinadores e profissionais de educação física. “A aula que eu dava 10 anos atrás não é mais a mesma. Não existe mais aquele treinador que põe o apito no pescoço. Hoje a gente usa neurociência, tomada de decisão, velocidade neurocognitiva, elementos da psicologia, do aperfeiçoamento físico”, explica.

“Quando eu comecei a jogar, atuava numa posição de pivô, que é um jogador grande. Hoje eu seria um armador, um cara que é o pequeno do time, que leva a bola”, exemplifica o professor, de 1,98m. E, devido a essas mesmas transformações, ele aposta que, em breve, os Estados Unidos percam a hegemonia no basquete mundial, a começar pelos torneios femininos.

É com essa visão de futuro que Márcio deixa um conselho às próximas gerações de professores: “Para ser professor, você tem de ter dom. É uma carreira não tão valorizada como outras, precisamos trabalhar muito. Nunca pensei em ganhar dinheiro, mas hoje vivo da educação, construí meu patrimônio, viajei o mundo. A educação transforma. Então, quem pensa em ser professor em qualquer área, abraça isso e use o dom que você tem”.

Para saber mais

Os Centros de Iniciação Desportiva (CID) têm como objetivo oferecer aos estudantes da rede pública de ensino do Distrito Federal a prática e o conhecimento técnico e tático de diferentes modalidades esportivas. As aulas são gratuitas, para estudantes de 8 a 17 anos, e realizadas no contraturno. Segundo informações da Secretaria de Educação, há polos localizados em 14 Coordenações Regionais de Ensino. Acesse o link para saber como se inscrever: <https://www.df.gov.br/centro-de-iniciacao-desportiva-cid>.

Conheça e ajude

O CID de basquete de Taguatinga funciona no Cemeit (Taguatinga Centro). Para conhecer e ajudar, acesse a o Instagram: @cid_tag_basquete

mas principalmente a importância da construção de um trabalho coletivo. “Mesmo que a gente tenha alguns atletas que se sobressaíam — que é algo de que a gente precisa, alguns bons pontuadores — é o trabalho de equipe que precisa prevalecer. Por isso minhas equipes são sempre competitivas, porque não interessa se um garoto entra ou outro sai. Eu formo tantos bons atletas que alguns clubes os chamam para jogar e, mesmo assim, a gente continua tendo equipes consistentes, porque elas jogam com essa filosofia”, detalha o treinador.

Ser figura masculina de referência para muitos desses atletas também é uma tarefa que Márcio desempenha com cuidado. Dar aulas na rede pública é, como ele define, nadar contra a maré, diante de dificuldades como a falta de material e da realidade dos estudantes, majoritariamente vindos de famílias de baixa renda. Mostrar para eles um propósito de futuro que vai além do esporte é o maior trunfo do trabalho desenvolvido. “A gente não joga só para ganhar, a gente joga para viver, para fazer parte de algo